

ESCULPINDO A SI MESMO: A SUBJETIVAÇÃO DE UMA PROFESSORA DE EAD ATRAVÉS DE SUA ESCRITA DE SI

Maria Amélia A. Nader Bartholomeu¹

Resumo: O ensino a distância (EaD) tem tido um grande crescimento entre as universidades brasileiras. Essa nova modalidade de ensino que surge com o mundo globalizado para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem e facilitar e diminuir as distâncias tem trazido mudanças tanto na subjetividade dos professores quanto dos alunos. Muitas indagações surgem neste momento no campo educacional em que o computador assume o papel de professor. Ainda que os projetos mais modernos de EaD possam prover suportes tecnológicos para que haja maior relacionamento humano através do computador, todas as atividades exercidas à distância estabelecem relações em que novas linguagens se instauram neste universo. Assim, entendendo que o professor também se desloca e transforma a sua subjetividade, este trabalho vincula-se a uma tese de doutorado em andamento situada no Grupo de Pesquisa Estudos Foucaultianos e Educação e tem como objetivo geral problematizar os modos de subjetivação do professor que passa a ensinar em um espaço virtual após muitos anos de ensino em uma sala de aula convencional. Traz como sujeito de pesquisa a minha própria experiência pedagógica, fundamentando-se nos estudos de Michel Foucault (2004), cujos conceitos possibilitam a reflexão a respeito da subjetividade através da escrita de si.

Palavras-chave: Educação a distância; Michel Foucault; escrita de si; constituição da subjetividade.

Introdução

Com o desenvolvimento das tecnologias digitais, a internet torna-se a grande transformadora do mundo contemporâneo, parece não haver mais limites para o corpo humano. Assim, o uso da internet na educação vai se alastrando e sendo utilizado desde a pesquisa até os cursos de formação profissional e o Ensino a Distância (EaD) vai se disseminando e tem tido um grande crescimento entre as universidades brasileiras. Essa nova modalidade de ensino, na qual a co-presença dos corpos já não se constitui condição necessária para que o ensino e a aprendizagem aconteçam, tem trazido mudanças tanto na subjetividade dos professores quanto na dos alunos. Assim, todas as atividades exercidas a distância deslocam também o professor e transformam a sua subjetividade, pois alteram a sua relação com o mundo, com o outro e consigo mesmo.

Este artigo tem como objetivo problematizar os modos de subjetivação de um professor que passa a ensinar em um espaço virtual após muitos anos de ensino em uma sala de aula convencional. Desenvolvo este trabalho a partir de uma visão foucaultiana que toma essas mudanças não como um progresso, mas como a possibilidade de reflexão a respeito da subjetividade através da “escrita de si”, sentido esse relacionado com o modo como o sujeito se constitui enquanto responsável por si mesmo, se transformando, se esculpindo, tirando os excessos, aquilo que o poder e a sociedade impõem.

A pesquisa em desenvolvimento a que se vincula este artigo pretende entrevistar professores de EaD de modo a levantar as suas escritas de si. Para este artigo, apresento a minha narrativa sobre EaD, considerada como escrita de si, à luz dos estudos foucaultianos.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação-Universidade São Francisco- Campus Itatiba - São Paulo. Mestre em Linguística Aplicada-Universidade Estadual de Campinas. Professora de Leitura e Produção de Textos na Universidade São Francisco. E-mail: amelia.nader@hotmail.com.

Confissões de uma professora de EaD

Atualmente, leciono a disciplina de Leitura e Produção de Textos na modalidade EaD. Há três anos, minhas aulas estão concentradas no ensino a distância. Na verdade, não escolhi ter aulas à distância, mas acho que se eu fosse perguntada, diria que gostaria, pois gosto muito de desafios. [...] Quando comecei a lecionar apenas a distância, no início, parecia bom. Depois, comecei a sentir um vazio muito grande e muito pouco entusiasmo. Não me sentia e nem me sinto professora dos meus alunos e não gosto do nome tutora. Acredito que o fato de ter o material didático pronto, me deixa mais distante dos alunos. É assim: não tenho envolvimento com o material, não conheço meus alunos, não há aproximação de corpos, muito menos de almas. Sou socrática, quero meus alunos caminhando ao meu lado; sou platônica, para mim, educar é sempre uma relação de encontro de almas. Dificilmente, há trocas de ideias, compartilhamento de sentimentos como outrora, cada qual em seu canto com seu computador, alunos, professores ou tutores e assistentes online para resolver os problemas. [...] De nada adianta enviar uma mensagem ao fórum, não sei quem lerá e se ler não consigo ter uma resposta sobre aquilo o qual enviei. Fico sempre pensando: fez sentido? Devo fazer observações como essas para as novas turmas? Simplesmente, não tem eco. O silêncio, através da ausência de respostas, dói. Então, o que mais acentua dentro da modalidade a distância é a frieza no relacionamento entre professor e alunos. Estamos sempre distantes, embora o uso do computador possa aproximar as pessoas, pois tempo e espaço são relativos no ambiente virtual. Estranho!

A minha experiência no ensino presencial é muito longa e ampla. Sempre gostei de inovações, o uso de novas tecnologias nunca me assustou, pelo contrário, fui buscar e introduzi-las em sala de aula antes mesmo desses cursos a distância. O que mais me toca na modalidade EaD, é a distância que separa os professores de um mesmo curso e os “meus” alunos. A modalidade é à distância, mas ainda é difícil para eu aceitar essa distância para que o ensino e a aprendizagem se realizem. É uma distância que significa distância de corpos, de olhares que nunca se encontram e de diálogos. Sei que a EaD é irreversível, pois as relações humanas estão diferentes: iniciam-se à distância, desenvolvem-se à distância e concretizam-se, muitas vezes, à distância. No entanto, sinto um desejo imenso de entrar nessa luta e desafiar aquilo que estava confortável no meu ser. É por essa razão que fui buscar leituras, discussões e tentar encontrar uma saída de forma inteligente. Vou tentar, ou seja, estou tentando fazer da minha prática de ensino a distância uma forma de repensar, de me resignificar. Ensinar a distância tem provocado muitas reflexões sobre minha vida profissional, especialmente, no que se refere ao meu relacionamento direto, presencial com alunos e professores, colegas. Como professora de EaD, não me considero tão eficiente quanto em um curso presencial. Estou sempre na sala virtual, buscando os questionamentos; procuro interagir com eles através dos fóruns, mas sinto que os alunos estão muito afastados do professor de EaD. Os alunos gostam de ser monitorados de perto. Acredito muito no educador, naquele que ama o que faz e que quando tem um aluno à frente tem o respeito e o escuta, não para subordiná-lo ou dominá-lo, mas porque ele é uma exterioridade em relação a mim. São os pensamentos do filósofo, Lèvinas, presentes na filosofia de Dussel e que me acompanham. Acredito que aí esteja o grande vazio que sinto, pois não tenho os olhos nos olhos dos meus alunos, tão pouco um sorriso de aprovação ou uma testa franzida de reprovação e muito mais do que isso não sou um ser inteiro, presente para acolher o meu aluno.

A escrita de si

Ler sobre a Escrita de Si e escrever sobre si, como este relato acima elaborado por mim, não é simplesmente uma metalinguagem, mas é entender como a literatura de si transcende os

limites de uma grande literatura, minando, provocando os indivíduos em uma microestrutura, dentro de uma sociedade reguladora. Esta literatura de si oriunda das pequenas cartas, narrativas e relatos são documentos profícuos por permitirem desnudar aquele que escreve ao se reportarem consigo mesmo e com seu destinatário amigo.

Em seu conhecido texto, *A Escrita de Si*, Foucault concebe a escrita de si como o exercício constante de um pensar sobre si mesmo que o ato de escrever possibilita. Mediante tal pensamento, o referido autor encontrou na escrita de si um modo de subjetivação, revelando através dessa prática um movimento interior do indivíduo e estabelecendo relações entre o indivíduo e os documentos. Foucault desloca-se até a Antiguidade clássica com o objetivo de abordar textos que mostrassem a conduta do homem grego e algumas formas de constituição de si por meio da escrita.

Em um primeiro momento, a escrita de si foi considerada um elemento indispensável à vida ascética. As anotações das ações e dos pensamentos tinham como intuito inibir o pecado, pois se tais confissões fossem expostas e estivessem em dissonância com um modo de vida desejável de um asceta, ao se tornarem públicas seria motivo de vergonha. A escrita também possuía o “sentido de complementaridade com a anacorese” abrandando a solidão. A partir daí, Foucault traz algumas analogias: “o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro [...] o que os outros são para o asceta, o caderno de notas será para o solitário”. A minha escrita, que trago acima, é quase um apelo. Ao dizer, “*O que mais me toca na modalidade EaD, como o próprio nome diz, é a distância que separa os professores de um mesmo curso*”, reivindico a ausência dos colegas e a troca de experiências tão comuns nos encontros nas salas dos professores e foi escrevendo que me senti menos solitária.

Nos textos de Sêneca e Epícteto sobre a escrita de si, Foucault destaca que o primeiro afirmava que “é preciso ler, mas também escrever” e o segundo, insiste sobre o papel da escrita como exercício pessoal. Em seus textos, Epícteto relaciona a escrita a duas maneiras distintas de pensamento: a primeira delas, linear, que vai da meditação ao ato de escrever; a segunda, circular: a meditação antecede a escrita que por sua vez revigora a meditação. No entanto, Foucault reconhece que seja qual for o ciclo de exercício em que ela ocorra, a escrita será sempre uma fase primordial no processo de práticas e disciplinas para o autocontrole do corpo e do espírito em busca da verdade, a *askêsis*. O filósofo enfatiza que a escrita como elemento de treinamento de si possui uma função *etopoietica*, expressão essa de Plutarco que a considera operadora da transformação da verdade em *êthos*, isto é, ao escrever de si o sujeito considera a forma como ele é visto pelo outro, desta forma, a escrita de si pode ser vista como o olhar do outro sobre si e que, segundo Foucault, está presente nos *hupomnêmata* e nas *correspondências*.

O que posso também ler neste meu relato é a forma circular do pensamento, em que há uma reflexão antes da escrita e um revigoramento após este exercício: “*É por essa razão que fui buscar leituras, discussões e tentar encontrar uma saída de forma inteligente. Vou tentar, ou seja, estou tentando fazer da minha prática de ensino à distância uma forma de repensar, de me resignificar*”.

Foucault (2004, p. 147) realiza uma análise detalhada dos *hupomnêmata*. Segundo o filósofo, tais textos podiam ser livros de contabilidade, registros públicos, cadernetas individuais que serviam para lembrete. Ali eram anotadas citações, fragmentos de obras, exemplos de ações testemunhadas ou narrativas lidas, reflexões e pensamentos. Complementando, as leituras e a escrita tornavam-se como um tecido, fazendo da apropriação dessas leituras um meio para a relação consigo próprio pela escrita. E é isso que os torna importante nessa subjetivação do discurso. A escolha daquilo que pode ser reunido nada mais é do que a constituição de si. Percebe-se também a importância dada à leitura em relação à escrita de si. Segundo o filósofo romano, “é preciso criar no que se escreve, porém, assim como

um homem traz em seu rosto a semelhança natural com seus ancestrais, também é bom que se possa perceber no que ele escreve a filiação dos pensamentos que se gravaram em sua alma”.

Mediante essas considerações de Foucault, entendo que ao citar alguns filósofos, mostro em meu relato, as influências de pensamento a que estou exposta: “*São os pensamentos do filósofo, Lèvinas, presentes na filosofia de Dussel e que me acompanham.*”; “*Sou socrática, quero meus alunos caminhando ao meu lado; sou platônica, para mim, educar é sempre uma relação de encontro de almas*”.

Outra forma de escrita *etopoiética* registrada por Foucault é a correspondência, pois permite também o exercício pessoal. A relação do sujeito consigo e com o outro, característica fundamental deste exercício de escrita pessoal, trabalha para a subjetivação do discurso verdadeiro, para sua assimilação e elaboração como “bem próprio”, constitui também e ao mesmo tempo uma objetivação da alma” (Foucault, 2004, p. 156). Em todas as cartas, há um exame de si e um olhar do outro.

Assim como as outras práticas, a técnica da escrita está relacionada à ética, ou melhor, a escrita constitui um meio pelo qual o indivíduo irá constituir em si uma subjetivação da verdade e nela fundamentar as suas ações, tanto para conhecer e cuidar de si mesmo quanto para expor-se ao conhecimento e ao cuidado do outro. Ao falar de mim, fui tocada por esse pensamento de Foucault no que concerne à subjetivação do discurso verdadeiro e a sua objetivação da alma, entendida como uma abertura de si, pois para mim isso implica em uma avaliação do que acontece no meu corpo e na minha alma, transformando o que sinto em uma verdade, verdade essa que estabelece um conflito ao declarar que “*Como professora de EaD, não me considero tão eficiente quanto em um curso presencial*”. “*Não me sentia e nem me sinto professora dos meus alunos e não gosto do nome tutora*”.

Considerações

A partir do que foi apresentado, pode-se postular que ao escrever sobre a própria vida profissional, as angústias de um sujeito dividido e incompleto são traçadas nesta escrita de si. Através da minha escrita, pude me reconhecer como um sujeito cuja relação comigo mesma demonstra uma prática, uma maneira de ser coerente com a minha verdade, que “governa” minha própria vida, dando a ela uma forma ética e estética, e apesar das relações de poder-saber (Foucault, 2017) a que estamos submetidos, sobrevivo através das minhas pequenas ações dentro das microestruturas, aquelas às quais tenho acesso.

Referências

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade III: o cuidado de si*. 11. ed. Trad. M. T. da C. Albuquerque e J. A. G. Albuquerque, Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. A escrita de si. In: MOTTA, M. B. (Org.) *Ética, sexualidade e política*. 1. ed. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. Coleção Ditos & Escritos, v. 5.

_____. *A Coragem da Verdade: o Governo de Si e dos Outros II*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. Entrevista com Michel Foucault. In: MOTTA, M. B. (Org.) *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. Coleção Ditos & Escritos, v. 1.

_____. *Microfísica do poder*. 6. ed. Organização, introdução e revisão técnica de Eduardo Machado. São Paulo/ Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2017.